

ADVERSO

Nº 190 - junho/julho de 2011

Impresso
Especial

9912271463/2011- DR/RS
ADUFRGS

CORREIOS



ISSN 1980315-X



9 771980 315002

00190

Proifes agora é Federação

Parceria da Adufrgs-Sindical contribuiu para o sucesso da votação que criou a nova entidade de representação nacional das Ifes.

Páginas 08 e 09

A ADUFRGS-SINDICAL ESTÁ PROJETANDO UMA NOVA CARA PARA A REVISTA ADVERSO



O novo formato, com distribuição bimestral, será implementado no segundo semestre de 2011.

AGUARDE!



Astronomia nas universidades na política de cotas



Graduações da Ufrgs recordam o passado, de olho no futuro



Escola de Enfermagem da Ufrgs após seis décadas



Encontro do Proifes define ações do Movimento Docente



Institutos da Ufrgs completam quatro décadas de atuação após Reforma Universitária



Internacionalização amplia oportunidades na Ufrgs



Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior de Porto Alegre

Rua Otávio Corrêa, 45 Porto Alegre/RS
CEP 90050-120 Fone/Fax: (51) 3228.1188
secretaria@adufrgs.org.br
www.adufrgs.org.br

Presidente - Claudio Scherer
1º Vice-Presidente - José Carlos Freitas Lemos
2º Vice-Presidente - Maria Luiza Ambros von Hollenben
1ª Secretária - Daniela Marzola Fialho
2ª Secretária - Elizabeth de Carvalho Castro
3ª Secretária - Maria Cristina da Silva Martins
1º Tesoureiro - Paulo Artur Kozen Xavier de Mello e Silva
2ª Tesoureira - Maria da Graça Saraiva Marques
3ª Tesoureira - Ana Paula Ravazzolo

ADVERSO

Publicação mensal
Tiragem: 5.000 exemplares
Impressão: Ideograf

Produção e Edição:

 **VERDEPERTO**
(51) 3228 8369

ISSN 1980315-X



Edição: Adriana Lampert
Reportagens: Ana Esteves, Ana Maria Bicca, Marco Aurélio Weissheimer e Michelle Rolante
Projeto Gráfico: Eduardo Furasté
Diagramação: Eduardo Furasté e Mateus Michaelsen
Ilustração: Mario Guerreiro
Arte Final: Julio CC Lima Jr

Escolha de reitor: o passado, o presente e o futuro da universidade brasileira

Passados 130 anos após a implementação do ensino superior no Brasil (1808), com criação dos cursos de Medicina, Direito e Engenharia, nasceu a primeira universidade brasileira: a Universidade do Rio de Janeiro, fundada, em 7 de setembro de 1920, pelo então presidente Epitácio Pessoa. Reorganizada em 1937, quando efetivamente começou a funcionar, passou a se chamar Universidade do Brasil e, em 1965, virou Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi mantida pelo Estado até 1961, quando a primeira LDB (Lei de Diretrizes e Bases) tornou efetiva a participação da livre iniciativa privada. Participação esta que foi consolidada na Constituição de 1988 e regularizada em 1996, pela segunda LDB.

Vivemos em um país jovem, com dois séculos de educação superior e menos de um século de universidade pública, para a qual ainda estamos elaborando as bases do seu funcionamento, avaliando modelos seculares - europeus e americanos - com a perspectiva de construir um sistema administrativo, político e educacional adequado ao nosso povo, à nossa realidade e às nossas necessidades.

Neste contexto, insere-se a discussão da escolha de reitores, vice-reitores e diretores das Instituições Públicas de Educação Superior (Ifes). Até 1968, a universidade era regida pelos professores catedráticos, que contratavam e demitiam à revelia da comunidade. Este era o modelo europeu, que esteve vigente desde a fundação das primeiras universidades brasileiras. A Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, passou a reger, dentro de um novo sistema estrutural, a escolha de reitores, vice-reitores, diretores e vice-diretores de unidades das Ifes, que passaram a ser nomeados pelo presidente da República, através de lista de seis nomes indicados pelos respectivos colegiados. Somente em dezembro de 1995, com a Lei 9.192, passou a ser admitido o procedimento de consultas prévias à comunidade, onde toda a população acadêmica pode participar da escolha do reitor, vice-reitor e diretores de unidades, cujo resultado pode nortear a eleição a ser feita pelo colegiado máximo da instituição. Os três nomes escolhidos (lista tríptica) são enviados ao presidente da República para indicar o reitor. E no caso dos diretores das unidades quem faz a escolha é o reitor.

Vale salientar que esta lei, em seu inciso II, determina que os colegiados acima referidos sejam constituídos de representantes dos diversos segmentos da comunidade universitária e da sociedade, observando o mínimo de 70% de membros do corpo docente no total de sua composição; e no inciso III que, em caso de consulta prévia à comunidade universitária, nos termos estabelecidos pelo colegiado máximo da instituição, prevalecerá o peso de 70% para a manifestação do pessoal docente em relação às demais categorias.

Esta breve referência à história administrativa das universidades federais pretende situar nossa realidade no contexto das discussões sobre o futuro destas instituições; nas questões referentes ao voto, às eleições de seus dirigentes e as alterações em estatutos e regimentos.

A Adufrgs-Sindical, representante legítima dos docentes - responsáveis pelas atividades fins da universidade (ensino, pesquisa e extensão) e detentores de experiência e conhecimento para definir os objetivos da instituição e escolher seus dirigentes - conclama seus filiados a uma profunda reflexão sobre o que queremos para o futuro das Ifes, tomando por base o nosso passado e o nosso presente; e convida a todos a participarem dos debates sobre meios e condições da escolha dos agentes adequados para o desempenho destas importantes funções.

Diretoria da Adufrgs-Sindical

SINDICAL

04

07

TECNOLOGIA

Descontinuidade do Prime afeta incubadoras brasileiras

REPORTAGEM

Parceria entre Adufrgs-Sindical e Proifes rende frutos ao movimento docente
por Michelle Rolante

08

10

ESPECIAL

Livro resgata trabalho da Coojornal durante a ditadura
por Michelle Rolante

PING-PONG

Flávio Lewgoy

"Nossas vitórias são provisórias, mas nossas derrotas são definitivas"
por Marco Aurélio Weissheimer

12

15

VIDA NO CAMPUS

Hospital de Clínicas é modelo em pesquisa com células-tronco
por Ana Esteves

EDUCAÇÃO

Contratação emergencial de professores temporários gera polêmica
por Ana Maria Bicca

18

19

ARTIGO

Em busca do diálogo, sem fugir à responsabilidade de decidir
por Maria L. A. von Holleben, presidente da Adufrgs-Sindical

NOTÍCIAS

20

21

OBSERVATÓRIO

NAVEGUE

22

23

ORELHA

EM FOCO

Feira de Oportunidades aproxima universitários do mercado de trabalho
por Ana Maria Bicca

24

26

+ UM

MARIO GUERREIRO

27

Da sala de aula para as mesas de negociação

Diretores da Adufrgs-Sindical dividem o tempo entre aulas, pesquisas, funções administrativas e reuniões no Sindicato. Dos nove componentes da atual diretoria, sete estão na ativa, trabalham em regime de Dedicção Exclusiva (DE), mas abrem um espaço na agenda e encontram tempo para lutar pelos interesses dos docentes das universidades federais. Graças a esse trabalho voluntário, a universidade pública não fechou as portas, como governos passados queriam, e nos últimos anos cresceu, se diversificou e cada vez mais se afirma como centro de excelência. As exaustivas negociações com o governo federal e a mudança de postura de uma parcela significativa do Movimento Docente, que decidiu inverter a ordem greve/diálogo por diálogo/greve – ou seja, lançar mão do direito de greve somente quando este for o único recurso disponível – já resultou em melhorias salariais. Esta mesma postura

vem sendo tomada agora, na luta pela reestruturação da carreira e pela reposição salarial.

A rotina é intensa, mas eles parecem incansáveis quando se trata de defender os interesses dos professores. Reuniões, audiências, viagens a Brasília para negociar com o governo, passeatas, manifestações, atos públicos. Atividades encaixadas entre aulas na graduação e na pós-graduação, pesquisas, orientação, projetos de extensão, coordenações, participação em comissões internas, entre outras. Dedicar-se ao movimento sindical passa antes pela incorporação de um espírito coletivo, de um ideal social e político, uma vez que os bônus resultantes desse árduo trabalho são estendidos a toda a categoria. Mas estes protagonistas do Movimento Docente não poderiam atuar sem a participação e o apoio da base, afinal é a voz desta parcela maior que deve ser transmitida.



Maria Luiza Ambros von Holleben - Presidente

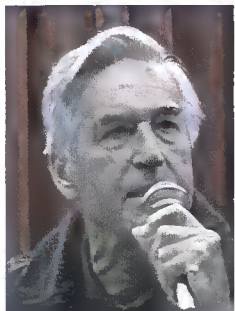
Professora aposentada da Ufrgs, membro do Conselho Fiscal do Proifes-Fórum, da Comissão de Carreira do Magistério Superior na Mesa de Negociação com o Governo Federal e representante da Cut/RS no Conselho Universitário da Ufrgs. Nas diretorias anteriores foi respectivamente 2ª secretária e 2ª vice-presidente.

Graduada em farmácia e farmácia-bioquímica pela Faculdade de Farmácia da Ufrgs, iniciou suas atividades de pesquisa como bolsista de iniciação científica na disciplina de farmacognosia. Após a graduação, permaneceu um ano nesta disciplina com bolsa de especialização da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs), até a criação do curso de pós-graduação em Farmácia, quando obteve o grau de mestre em Análise, Síntese e Controle de Medicamentos.

A formação de pesquisadora teve continuidade em um projeto institucional da Faculdade de Farmácia/Ceme/Ministério da Saúde e no início do doutorado sanduíche Ufrgs/Universidade de Munster-Alemanha na área de síntese de medicamentos. Posteriormente este foi substituído pelo doutorado em síntese orgânica no Instituto de Química da UFRJ, com tese sobre a utilização de matéria-prima natural na síntese de moléculas mais complexas.

Ao retornar para a Ufrgs, onde já era professora concursada no Departamento de Química Orgânica do Instituto de Química, participou do grupo de jovens professores que implementou o curso de pós-graduação em Química nesta unidade. Desenvolveu sua atividade como pesquisadora e professora de química orgânica, na graduação e pós-graduação, orientação de teses, coordenação de projetos, gestão e atividades afins.

A experiência advinda de sua vivência como professora, pesquisadora e gestora, e a afinidade que encontrou com os objetivos e métodos do Novo Movimento Docente, mais condizentes com a atual realidade do País, motivou-a a participar na defesa dos interesses dos docentes e na consolidação de uma universidade pública federal de qualidade.



Claudio Scherer – 1º vice-presidente

Doutor em Física pela Ufrgs, pós-doutorado nos Estados Unidos (Wisconsin e Califórnia) e na Alemanha (Saarbrücken e Stuttgart), atuou como professor no Instituto de Física da Ufrgs de 1965 a 2005, na classe de Titular a partir de 1983.

Orientou 18 teses de doutorado e mestrado

em Física e publicou inúmeros artigos em revistas científicas internacionais, além de dois livros didáticos na área, aposentando-se após 40 anos de docência. No entanto, leciona a disciplina Métodos Computacionais da Física, na Ufrgs, como professor-convidado.

Acumula ampla experiência administrativa na Universidade e no Movimento Docente, tendo sido um dos fundadores da Associação de Docentes da Ufrgs (Adufrgs), em 1978. Na Ufrgs, foi pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (1992/1996) e diretor do Instituto de Física (2000/2004) e na Adufrgs-Sindical ocupou o cargo de presidente (1985/1987), vice-presidente por três gestões e diretor da Andes/SN. Atualmente, Claudio Scherer dedica-se quase que exclusivamente ao Sindicato, participando de mesas de debates em Brasília, elaboração de projetos, encontros de docentes, entre outras atividades.



Maria da Graça Saraiva Marques - 1ª secretária

Graduada em Letras pela PUC, especialista em Língua e Literatura Francesa pela Ufrgs e com pós-graduação na França, Maria da Graça Marques acumula uma longa experiência na educação básica. Foi professora da rede pública estadual e atualmente leciona francês e literatura francesa no Colégio de Aplicação

(CAp/Ufrgs). Também faz parte da equipe responsável pela correção das provas de redação no vestibular da Ufrgs.

Até 2010, era a única professora de francês do CAp, quando a mudança curricular do Colégio, que inseriu línguas estrangeiras nas séries iniciais, obrigou a Universidade a contratar mais dois professores. “Antes as aulas de francês eram dadas apenas nas 7ª e 8ª séries. Eu ficava sobrecarregada, mas dava conta. Desde o ano passado, os alunos de 1º a 4º ano e os do Ensino Médio passaram a ter aulas de línguas, entre elas o francês”, explica. Além das aulas nas séries iniciais e no Ensino Médio, a professora Graça, como é carinhosamente chamada pelos alunos do CAp, organiza periodicamente oficinas, como a Semana de Língua Estrangeira, que aconteceu em junho, com exibição de filmes, exposições e várias outras atividades.

Agora, como 1ª secretária da Adufrgs -Sindical – participou de gestões anteriores em outros cargos – quer continuar defendendo as reivindicações dos professores federais da educação básica. Para isso tem participado ativamente da Comissão de Carreira do Proifes na Mesa de Negociação da Carreira do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) com o Governo Federal.



Lucio Olimpio Carvalho Vieira - 2º vice-presidente

Graduado em Química pela Puc/RS, mestre em Educação pela Ufrgs e doutorando em Políticas Públicas para a Educação pela Unisinos, Lucio Vieira é professor Titular do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS/Campus Porto Alegre), leciona no

curso técnico de Química e coordena o curso superior de Licenciatura em Ciências da Natureza. Na área de pesquisa, participa do projeto de Extensão Formação Continuada de Professores de Química, uma iniciativa voltada para a qualificação dos professores de Ensino Médio.

No movimento sindical, acumula experiência como dirigente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Rio Grande do Sul (Cpers), quando foi professor da rede pública estadual, e da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE). Na Adufrgs-Sindical é a segunda vez que compõe a diretoria – a primeira foi na gestão 2007/2009 – e considera como grande desafio levar o Sindicato até os novos professores do IFRS/Porto Alegre. “Atualmente o IFRS é dividido em duas bases: o pessoal da antiga Escola Técnica, que já era filiado à Adufrgs, e o pessoal novo, que entrou depois da separação da Ufrgs e transformação em IF. Estes últimos são mais de 50% que precisam conhecer a Adufrgs-Sindical e se filiarem, pois agora, como Sindicato, a entidade representa todos, sócios e não-sócios”, explica.



Marilda da Cruz Fernandes - 2ª secretária

Doutora em Biologia Celular e Tecidual pela USP, graduada em Ciências Biológicas e mestre em Neuroanatomia pela Ufrgs, Marilda da Cruz Fernandes exerce inúmeras funções na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), onde leciona desde 1994. É

docente na graduação – lotada no Departamento de Ciências Básicas da Saúde da UFCSPA – e na pós-graduação, está envolvida na pesquisa, na docência e é coordenadora do laboratório de pesquisa em patologia. Na graduação é responsável pelo laboratório de técnicas histo-patológicas. Além das aulas, Marilda participa de comissões internas da Universidade – Comissão Coordenadora do PPG em Patologia, Comissão de Estágio Probatório do DCBS, do Departamento de Patologia e do Departamento de Fonoaudiologia – e é membro do Conselho Universitário.

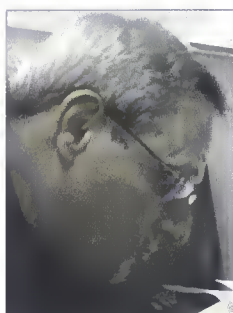
A participação na política sindical começou recentemente, conta Marilda, quando retornou do doutorado na USP e sentiu a necessidade dos professores da então Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre fazerem parte de uma associação que os representasse. “Procurei a Adufrgs para saber se havia a possibilidade de nos filiarmos. Na época não foi possível, mas em 3 de dezembro de 2008, eu e vários professores da UFCSPA participamos da assembleia que fundou o Sindicato das Ifes da Capital. Os docentes ativos e os aposentados da minha Universidade hoje têm um sindicato que os representa, sonho este que se concretizou”.



Ricardo Francalacci Savaris
- 3º secretário

Ao se imaginar o cotidiano de um setor de emergência de um hospital público, pode-se ter uma ideia da rotina do professor Ricardo Savaris. Diariamente, ele se divide entre o Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina (Famed/Ufrgs), onde exerce o cargo de professor Associado I, e a orientação dos residentes e alunos da Faculdade de Medicina na emergência ginecológica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), setor pelo qual é responsável, além das atividades de pesquisa. "As pessoas às vezes não entendem por que o cotidiano dos professores da Medicina é diferenciado dos demais", observa o professor Savaris em meio a uma emergência lotada de pacientes.

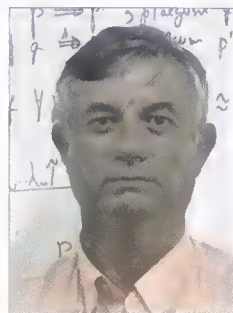
Doutor em Medicina - Ciências Médicas pela Ufrgs e pós-doutorado na Universidade da Califórnia -, Savaris é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Cirurgia da Ufrgs e vice-presidente da Associação dos Médicos Assistentes do HCPA. E agora, ao ocupar um cargo na diretoria da Adufrgs-Sindical, protagoniza mais uma inovação no Sindicato: a participação de professores da área médica na direção da entidade. E pretende trazer para debate no âmbito do Movimento Docente as questões específicas dos médicos-professores. "Os docentes da Medicina necessitam de uma representação no Sindicato, porque somos uma parcela grande da Ufrgs e temos características muito especiais na nossa relação de ensino, assistência aos pacientes, e pesquisas que precisam ser defendidas através da Adufrgs-Sindical."



Vanderlei Carraro - 2º tesoureiro

É mestre em Assistência de Enfermagem pela UFSC e graduado em Enfermagem pela Ufrgs. Atualmente é professor Adjunto IV, chefe do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem da Ufrgs e responsável pelas disciplinas Fundamentos do Cuidado Humano I, Fundamentos Teórico-Filosóficos do Cuidado e Estágio Curricular Hospitalar. Na pós-graduação, é vice-coordenador do curso de especialização Enfermagem em Nefrologia e ainda coordena a Comissão de Licitações do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA).

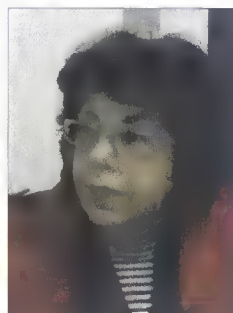
Com uma longa experiência docente e no movimento sindical – são 36 anos de Ufrgs e três outras participações em diretorias da Adufrgs-Sindical – Vanderlei Carraro anuncia que irá se aposentar da Ufrgs no próximo semestre. "Mas continuo atuando no HCPA, e terei mais tempo para me dedicar ao Sindicato, para mostrar que vale a pena ser professor. Afinal, foi por isso que voltei ao Movimento Docente, para reforçar a luta pelos direitos da categoria."



Daltro José Nunes - 1º tesoureiro

Doutor em Informática pela Universidade de Stuttgart, onde fez pós-doutorado, é graduado em Engenharia Elétrica pela Ufrgs e mestre em Ciências em Informática pela Puc-RJ. Atualmente, é professor Titular do Instituto de Informática da Ufrgs, onde ministra as disciplinas de Especificação Formal, na graduação, Métodos Formais e Semântica Formal, na pós-graduação. Além das aulas, orienta alunos de mestrado e doutorado, sem falar nas múltiplas funções administrativas que exerce na Universidade. É membro da Comissão de Progressão Funcional no Instituto de Informática, da Comissão Própria de Avaliação (CPA/ Ufrgs), da Comissão Permanente de Progressão Docente (CPPD) e do Conselho Editorial do Jornal da Universidade.

No MEC, atua em duas comissões na área de computação: é presidente da Comissão de Diretrizes Curriculares e membro da Comissão Assessora do Inep, órgão responsável pela elaboração do Enade. Daltro Nunes participa ainda do Conselho da Sociedade Brasileira de Computação (SBC). Agora, como 1º tesoureiro da Adufrgs-Sindical, ele tem como principal meta "zelar para que os recursos do Sindicato sejam bem aplicados". Entre as ações previstas, o professor e sindicalista coloca como grande desafio a implementação da Casa do Professor, no Campus do Vale. "Já pleiteamos, junto à Reitoria, uma área para a construção deste espaço de convivência dos professores. Um local para leitura, tomar um café, com internet, TV, salas de reuniões, fazer refeições e até um auditório", detalha.



Glória Isabel Sattamini Ferreira - 3ª tesoureira

Mestre em Educação pela Puc/RS, especialista em Planejamento e Avaliação de Sistemas de Informação pela Universidade de Brasília (UnB), e graduada em Biblioteconomia pela Ufrgs, Glória Ferreira é professora Assistente no Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico/Ufrgs), onde leciona as disciplinas de Organização e Tratamento da Informação; Seminário de Prática de Estágio e Ética Profissional.

Como docente, além das aulas na Graduação, orienta trabalhos de conclusão de curso e estágios, e participa de bancas de avaliação. Na área administrativa da Universidade, Glória atua hoje como coordenadora da Comissão de Graduação (Comgrad) do Curso de Biblioteconomia, e fora da Ufrgs representa os docentes do mesmo no Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) onde participa da Comissão de Legislação e Normas. Trabalhou na Biblioteca Pública do Estado e no Instituto Riograndense do Arroz (Irga).

Agora na diretoria da Adufrgs-Sindical, além da responsabilidade do cargo de terceira tesoureira, espera colaborar na apresentação das publicações e, também, conseguir levar os anseios dos professores da Fabico e demais colegas da Ufrgs para o Sindicato.

Descontinuidade do Prime afeta incubadoras brasileiras

Às vésperas do encerramento dos projetos em andamento, Finep não sinaliza prosseguimento do programa em 2011

Um clima de insegurança paira no ar, e já aponta sinais de que as mudanças de diretrizes que estão sendo implementadas dentro da empresa pública federal Finep, vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, deverão afetar as incubadoras universitárias do País em sua principal fragilidade: os recursos financeiros. A mola propulsora para o alarde é que, embora não tenha sido oficialmente cancelado, houve uma descontinuidade do Programa Primeira Empresa (Prime), em relação aos prazos de abertura da Chamada Pública, previamente definidos para acontecer até dezembro de 2010.

Implementado em 2008, o Prime foi projetado para apoiar empresas nascentes na consolidação de sua estratégia gerencial para o desenvolvimento e a inserção no mercado de produtos inovadores. Coordenado pela Finep em parceria com agentes operacionais, o programa foi criado para realizar três chamadas públicas, das quais apenas a primeira foi realizada. A única edição do Programa, em 2009, apoiou 98 empresas no Estado, sendo que, das 57 beneficiadas em Porto Alegre, 32 estavam instaladas em incubadoras parceiras do núcleo estruturado pelo CEI-INF. As contempladas abrangem as mais diferentes áreas de inovação, desde a produção de alimentos à microeletrônica.

Agora, as empresas beneficiadas e as que pretendiam aderir ao programa correm o risco de perder o apoio do governo federal. É que, segundo notas divulgadas na imprensa, a Finep pode vir a se tornar uma agência financiadora em modelo de banco, o que permitiria a captação de recursos no mercado financeiro internacional. Como banco, a empresa teria maior autonomia e maiores recursos, porém atuaria em um modelo mais próximo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), emprestando recursos a juros subsidiados, o que não contemplaria as universidades públicas.

“Essa forma de atuação nos parece incompatível com a gestão de recursos públicos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) ou programas não reembolsáveis, como o Programa Subvenção”, opina a professora Ingrid Jansch Porto, do Centro de Empreendimentos em Informática (CEI-INF) da Ufrgs. Ela destaca que, segundo informações divulgadas pelos novos gestores, a Finep terá prioridade no fomento à competitividade das empresas nacionais para ampliarem sua atuação no mercado internacional, não sendo mais responsável pelo atendimento a micro e pequena empresa. “A questão que permanece é qual órgão e programa de governo contemplará este nicho deixado descoberto”, indaga Ingrid.

A professora lembra que os problemas começaram a acontecer quando não houve o lançamento do segundo edital do programa na data prevista, em dezembro de 2010. “A partir deste momento, as informações fornecidas pela Finep começaram a ser desencontradas, impedindo o planejamento das incubadoras para 2011.”

O fato é que a Finep passa por uma reestruturação interna, que redistribuiu a equipe ligada ao Prime para outros setores, gerando especulação quanto à descontinuidade do programa, pelo menos no modelo trabalhado até agora, tendo em vista os atrasos na abertura da Chamada Pública previamente definida para acontecer até dezembro de 2010. Ao ser procurada, a assessoria de imprensa da empresa federal informou que o programa não será descontinuado, e que atualmente está, de fato, passando por um processo de reavaliação “para aprimoramento”. O órgão não deu mais detalhes sobre o assunto.

Falta de recursos prejudica empresas

A falta de informações e divulgação dos novos modelos de atuação da Finep já afetaram as incubadoras da Ufrgs ao inviabilizar a execução das ações planejadas coletivamente com a empresa federal, para o exercício de 2011 e 2012. “Sem divulgar os novos programas e modelos de atuação para a área de geração da inovação, o governo prejudica o planejamento para 2011, mesmo aproximando-se da metade do exercício”, explica a professora Ingrid. Segundo ela, o atual projeto do Prime coordenado pelo CEI-INF encerrou em junho deste ano, sendo que a equipe treinada e vinculada ao projeto começou a receber os avisos prévios de demissão no mês de maio.

Ainda de acordo com a professora, em contatos com a Finep, a Ufrgs recebeu informações de que o programa será relançado. “Porém mesmo que ocorra uma reedição do Prime ainda em 2011, a desestruturação das equipes ocorrida em todas as incubadoras agentes do programa no Brasil pode tornar inviável o lançamento de uma Chamada Pública nos próximos meses”, avalia.

Embora não seja um recurso significativo, o aporte do Prime ataca as fragilidades de uma empresa inovadora nascente: a impossibilidade do técnico qualificado na inovação de se dedicar integralmente ao desenvolvimento do projeto, e a falta de conhecimento e experiência deste técnico nas questões ligadas a gestão, marketing e vendas. “Ao dar sustentação ao gestor técnico por um ano através de um pro-labore que o habilite a dedicar-se integralmente ao seu projeto e exigir a incorporação na empresa de um gestor e de um projeto de estruturação gerencial e de vendas, o Prime amplia as chances de sobrevivência desta empresa”, garante Ingrid. ☛

Parceria entre Adufrgs-Sindical e Proifes rende frutos ao movimento docente

Proposta de Estatuto da nova Federação de Sindicatos das Ifes foi votada em julho e aprovada

por **Michelle Rolante**

O Fórum de Professores das Instituições Federais de Ensino Superior (Proifes), está passando por momentos importantes neste ano de 2011, o principal deles foi sua recente transformação em Federação de Sindicatos de Professores de Instituições Federais de Ensino Superior (Proifes-Federação), aprovada em assembleia no VII Encontro Nacional do Proifes, no último dia 18 de julho, e que se consolidará a partir de janeiro de 2012. Algumas modificações no estatuto proposto se fizeram necessárias. Agora, o novo texto será submetido à avaliação jurídica e encaminhado para redação final, entrando em vigor no dia 1º de janeiro de 2012.

No decorrer dos debates foi reforçada a importância de se manter o nome Proifes na Federação, por este preservar a história de lutas e conquistas da entidade. "O nome Proifes é respeitado em diferentes setores da sociedade civil, seja dentro da categoria, no Congresso Nacional ou no governo. Por trás dele está todo o nosso esforço e luta por melhorias à educação brasileira e à categoria docente", disse Gil Vicente Reis de Figueiredo, presidente do Proifes. Esta decisão está amparada pelo artigo 534 da Consolidação da Lei de Trabalho, de acordo com a qual é facultado aos sindicatos, quando em número não inferior a cinco, desde que representem a maioria absoluta de um grupo de atividades ou profissões idênticas, similares ou conexas, organizarem-se em federação.

De acordo com o professor Eduardo Rolim de Oliveira, vice-presidente do Proifes, a Adufrgs-Sindical foi muito importante neste sentido, não apenas por seu tamanho, uma vez que é o maior de todos os sindicatos filiados, mas também pela questão política, representatividade e pró-atividade da sua diretoria. "A Adufrgs-Sindical não é propriamente fundadora do Proifes, porque aderiu seis meses depois de constituída a entidade, mas é quase como se fosse", destaca Rolim.

No VII Encontro Nacional do Proifes, realizado entre os dias 15 e 18 de julho, em São Paulo, a Adufrgs-Sindical esteve presente com oito delegados eleitos pela base, além dos professores Maria da Graça Saraiva Marques, delegada da diretoria da Adufrgs; Eduardo Rolim de Oliveira, que além de vice-presidente do Proifes é presidente do Conselho de Representantes da

Adufrgs-Sindical; e a professora Maria Luiza Ambros von Holleben, presidente da Adufrgs e membro do Conselho Fiscal do Proifes. Vale ressaltar que Rolim e Maria Luiza participam ativamente do Proifes desde sua criação, sendo membros natos do encontro. "A Adufrgs e o Proifes têm uma relação de parceria na filiação, mas que não significa subordinação, e sim uma coordenação de esforços em relação aos princípios e políticas que são comuns entre ambos", esclarece Rolim.

"A partir de janeiro de 2012, o Proifes-Federação deve se instalar no País, e, quando isso acontecer, surgirá a primeira entidade nacional de caráter federativo dentro do Movimento Docente – com uma cultura completamente diferente da vigente desde a sua fundação, no final da década 70", relata o vice-presidente da entidade. A mudança estatutária recentemente aprovada contempla proposta criada por uma comissão composta por todos os sindicatos filiados ao então Proifes-Forum, da qual participou o professor Cláudio Scherer.

Com a implementação do Proifes-Federação, as entidades integrantes participarão da direção, informa Rolim. Com isso, não haverá mais uma entidade nacional e sim uma federação composta pelas locais. "Portanto, a responsabilidade dos sindicatos regionais e da Adufrgs-Sindical, em particular, com a condução do movimento nacional vai aumentar muito", ressalta, afirmando que, desta forma, não acontecerá mais o que ocorre hoje, quando algumas Associações de Docentes (AD's) "simplesmente não repassam as informações e não participam das decisões tomadas em nível nacional".

Assim, além de cada entidade integrar a direção, também terá responsabilidade própria dentro do processo, de acordo com seu tamanho. Rolim destaca ainda que trabalhar dentro de um modelo federativo será um grande desafio para o Movimento Docente, apesar deste conceito já ser comum ao movimento sindical brasileiro.

Na avaliação da presidente da Adufrgs, com o trabalho da diretoria do Sindicato e do Conselho de Representantes, constituídos por professores da Ufrgs, UFCSPA e do IFRS - Campis Porto Alegre e Restinga, será

possível continuar a política adotada desde a fundação, com empenho para fortalecer a identidade e a autonomia sindical da entidade. "Assim, poderemos estruturar e ampliar a sua representatividade municipal e fortalecer sua participação na nova entidade nacional federativa das Instituições Federais de Ensino Público Superior, o Proifes-Federação", afirma Maria Luiza.

A presidente do Sindicato ratifica a afirmação de Rolim que o sistema federativo não é uma proposta inovadora de representatividade, porém o é para os docentes do ensino público federal, sobretudo da maneira como está sendo estruturada. "Neste novo sistema, assumiremos maior responsabilidade como cidadãos nas decisões e ações que influirão nos rumos do ensino superior público do País." Neste contexto, destaca a presidente da entidade, a Adufrgs-Sindical tem como objetivo promover atividades associativas para integrar seus filiados e, a partir desta união, promover iniciativas para incentivar a participação dos professores nas esferas decisórias da política e administração do sindicato que os representa e nas instituições em que é lotado. "Desta forma poderemos estimular o debate e a reflexão crítica sobre questões relativas à estruturação e sustentação de um regime democrático", enfatiza Maria Luiza, ressaltando que a Adufrgs-Sindical, como unidade de uma federação, tem o compromisso de informar, debater, ouvir e defender a posição aprovada por seus filiados.

Durante o evento também foi debatido o Projeto de Carreira de Professor de Ensino Superior Federal e Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) que teve sua essência apresentada para o Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) e o Ministério de Educação (MEC). "Essas duas carreiras estão em um único Projeto de Lei. Neste encontro foi aprovado esse projeto e foram definidos alguns detalhes", diz o vice-presidente da Adufrgs-Sindical Cláudio Scherer.

Negociação da Carreira Docente com o Governo Federal

O processo de negociação da Carreira Docente foi retomado depois de muita articulação do Proifes com diferentes esferas do governo federal. Em reunião realizada no último dia 22 de junho com o secretário de Recursos Humanos do MPOG, que contou com a presença de representante do MEC, o Proifes apresentou a pauta de reivindicações que inclui uma reestruturação de carreira, os princípios que a norteiam, além de solução para vários pontos que ficaram pendentes no último processo de negociação. "Também colocamos várias questões para o Governo como, por exemplo, uma série



Michelle Rolante

Rolim e Maria Luiza comemoram sucesso da parceria

de instruções normativas que estão sendo baixadas sem ter ocorrido debate com os professores. Em geral essas instruções normativas nos prejudicam", ressaltava Rolim.

De acordo com o vice-presidente do Proifes, a reestruturação engloba as duas carreiras – da universidade e do ensino básico, técnico e tecnológico, havendo inclusive problemas pendentes na carreira de EBTT. "Por isso, no dia 11 de julho foi realizada a segunda reunião de mesa de negociação com o Governo, para que tivéssemos uma leitura a respeito das propostas, para começarmos a discutir e negociar efetivamente", afirma Rolim, destacando que a Adufrgs-Sindical foi fundamental na elaboração do plano de carreira apresentado pelas entidades representativas das Ifes. "Essa proposta foi, em grande parte, oriunda das discussões realizadas no Sindicato."

Nesta reunião, o Governo colocou em discussão a mesma proposta de carreira apresentada em dezembro de 2010, solicitou às entidades que escolham suas reivindicações prioritárias, considerando os limites orçamentários e a urgência, pois a proposta final deverá ser encaminhada até 31 de agosto. O Proifes, mais uma vez reafirmou seu posicionamento sobre o que seria possível flexibilizar, e o que a entidade não abre mão.

No VII Encontro foram aprovados os pontos de flexibilização: incorporação das gratificações e o percentual de aumento do piso salarial, desde que superior ao aumento do teto. Já no bloco das rejeições está a criação de uma nova classe, a discussão da carreira do Magistério Superior em separado do EBTT e a não reposição salarial de acordo com a inflação, que nortearão a próxima reunião da mesa de negociação do Ensino Superior, no próximo dia 2 de agosto. ☞

Livro resgata trabalho da Coojorna durante a ditadura

Publicação traz série de reportagens que fizeram parte da história da Cooperativa de Jornalistas de Porto Alegre

por Michelle Rolante

Eduardo Tavares



Associados e colaboradores do Coojornal em frente à sede da Cooperativa, na rua Comendador Coruja, em 1980

O livro Coojornal – um Jornal de Jornalistas sob o Regime Militar reproduz 33 das principais reportagens publicadas pelo jornal mensário editado pela Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, e conta com um documentário que vem encartado junto ao volume. A iniciativa faz parte do Projeto Coojornal, que também irá digitalizar todas as edições do antigo mensário. Na época, este impresso foi considerado um dos cinco jornais mais importantes do País dentro da imprensa “nanica”, ou seja, alternativa.

O Coojornal, que circulou entre 1975 e 1982, obteve destaque nacional pela qualidade editorial e por retratar de forma fiel a realidade brasileira naquele período histórico. Por isso, o Projeto Coojornal surgiu a partir de conversas entre jornalistas que participaram da cooperativa. “Essa ideia estava sempre presente, mas não saía do papel. Há uns três anos, começamos a falar com mais seriedade e o Osmar Trindade, que foi uma pessoa muito importante na Cooperativa, começou a mobilizar as pessoas”, lembra Rafael Guimaraens um dos organizadores do Projeto. Ele explica que um dos principais objetivos do livro é

relatar para as gerações mais jovens a história da Cooperativa de Jornalistas e passar a experiência vivida pelos profissionais – incluindo ele – que participaram da mesma.

Para a professora de História da Imprensa da Ufrgs, Virginia Pradelina Fonseca, é importante contar a trajetória do Coojornal, publicando algumas das principais reportagens feitas por seus integrantes, por dois motivos: primeiro porque, para os jornalistas e leitores contemporâneos do Coojornal, o livro resgata a memória de uma experiência singular na história da imprensa do Estado – a de um jornal organizado na forma de cooperativa de trabalhadores, em uma época em que se consolidava no Brasil e no Rio Grande do Sul um modelo oligopolista nas comunicações. Segundo porque, “para os jornalistas das gerações mais jovens e para os estudantes de jornalismo, relembrar essa experiência pode ser uma inspiração, uma forma de encorajá-los a também experimentar, ousar, criar projetos independentes e modelos alternativos aos grandes conglomerados que dominam a cena neste início de século”.



Guimaraens: "O livro pretende transmitir às novas gerações de jornalistas a experiência vivida pelos profissionais da Cooperativa"

Censura na imprensa

Para Elmar Bones, jornalista que também participou da Cooperativa e do atual projeto, este tema é muito atual, porque hoje não há lembrança da censura na imprensa. "Porém, mesmo pessoas com formação e com um razoável grau de informação não percebem que existe uma manipulação e uma supressão de informações importantes que alterariam a compreensão de certas realidades", enfatiza. Bones também destaca que a importância do Coojournal deve-se ao fato de ser uma publicação de uma Cooperativa de Jornalistas, e não de um grupo político. "Não havia um posicionamento político e ideológico, mas existia uma defesa do direito de informar. Havia uma resistência à censura e um consenso em torno da necessidade de ampliar as informações sobre determinados temas", ressalta. Outro objetivo comum era o retorno da liberdade democrática, pois nesse momento a Ditadura Militar estava vivendo seu auge com o decreto do Ato Institucional nº 5 (AI5).

Com isso, uma das principais características do jornal eram as reportagens – a publicação não era um jornal opinativo ou de artigos. "No caso das reportagens, você escolhe um tema e apresenta um painel sobre aquilo", explica Bones. O jornal também conquistou credibilidade por não ter um posicionamento ideológico definido e ser formado por um grupo muito diversificado de profissionais. "Por isso, a nossa linha editorial não podia ter um único foco, por exemplo, de esquerda. Os pontos comuns que uniam os jornalistas eram o posicionamento contra a censura e a vontade de abordar temas relevantes que estavam sendo suprimidos."

Na Cooperativa de Jornalistas de Porto Alegre as decisões eram tomadas de forma coletiva, e também existia um conselho de redação responsável por discutir o posicionamento das matérias. "Ganhamos uma adesão muito grande, pelo fato de haver uma alternativa de organização para os jornalistas fora do sistema convencional. Pois, normalmente, é uma empresa que contrata estes profissionais para darem conta de uma publicação", avalia Bones, destacando que, nesse caso, a empresa era uma cooperativa, da qual os próprios

donos eram jornalistas.

Assim, as criações das equipes eram decididas nessas instâncias coletivas, por isso era conhecida como uma forma de organização original em relação à estrutura de produção do trabalho jornalístico. "Recebemos apoio de muitos colegas, inclusive de outros estados, com isso foram criadas 11 cooperativas de jornalistas em todo País", relata Bones. Em consequência, os profissionais da Coojournal eram convidados para falar sobre sua experiência com o mensário em outros estados. "Nesse momento, começou uma abertura política muito insipiente e frágil e a imprensa estava saindo de um período de censura", conta Bones. "A censura estava sendo levantada aos poucos, mas a autocensura nos jornais continuava – então havia uma inquietação entre os jornalistas que buscavam novas formas de se organizar para gerir seu trabalho." Deste jeito, tinham um envolvimento e um



Bones: "Com a Cooperativa, os profissionais tinham controle de todas as etapas do seu trabalho, em uma época em que a imprensa estava saindo de um período de censura"

controle de todas as etapas do seu trabalho.

Luta pela democracia

O Coojournal recebia muito material enviado pelos próprios jornalistas que não era publicado nos jornais convencionais. Naquela época, não existia internet, e os materiais precisavam ser enviados através de passageiros, que embarcavam na rodoviária ou aeroporto e se disponibilizavam a entregar a alguém da redação, que estaria esperando no destino final. "Assim, nós recebíamos aqui os originais e mandávamos direto para a oficina, para fazer a diagramação, e não precisava digitar tudo novamente", conta Bones.

O livro trás reportagens que refletem o Brasil da segunda metade dos anos 70 e a luta pela redemocratização do País. Os textos tratam de temas como anistia, sequestro dos uruguaios, a revolução da Nicarágua, as ditaduras militares do Uruguai, da Argentina e da Bolívia, as greves do ABC paulista, a guerrilha do Araguaia, os cassados pelo regime militar, a prática da degola nas revoluções gaúchas e documentos secretos do Exército sobre o combate à guerrilha. ☞

Flávio Lewgoy

“Nossas vitórias são provisórias, mas nossas derrotas são definitivas”

Em entrevista à Revista Adverso, o engenheiro químico, professor, pesquisador, especialista em genética e criador da cadeira de Ecogenética na Ufrgs, Flávio Lewgoy, fala dos 40 anos da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan), entidade que já presidiu e que ajudou a construir nas quatro últimas décadas. Amigo de José Lutzenberger, Lewgoy tem uma extensa folha de serviços prestados à luta ambiental: foi um dos principais responsáveis pela campanha contra a duplicação da Riocell, na década de 90 (e hoje adverte para os riscos da quadruplicação da entidade), participou diretamente da elaboração da Lei do Agrotóxico, lançou alertas sobre os agrotóxicos mutagênicos e cancerígenos nos alimentos e contra as usinas que queimam carvão no Rio Grande do Sul.

Lewgoy recebeu a reportagem da Adverso em sua residência, no bairro Santana, em Porto Alegre. Na conversa, manifestou orgulho pelo que a Agapan fez neste período e também por sua trajetória na Ufrgs, “universidade pública, democrática, produtora de pesquisa e conhecimento”. Mas não foi uma conversa somente sobre o passado. Aos 85 anos, o professor Lewgoy segue atuante. No dia anterior à entrevista, ele participou de um debate no Tribunal de Justiça do Estado,

onde advertiu juízes e desembargadores dos riscos da quadruplicação da planta de celulose em Guaíba. Ao final da

conversa, ele lembrou de uma frase de Lutzenberger

que resume boa parte da luta ambientalista: “As nossas vitórias são provisórias, mas as nossas derrotas são definitivas. Se você consegue salvar uma espécie da extinção, consegue uma vitória provisória, mas se uma espécie é extinta, essa é

uma derrota definitiva”.

por Marco Aurélio Weissheimer

Fotos: Suzana Pires

Adverso: Por favor, fale um pouco dos primórdios da Agapan, que estão intimamente ligados à figura de José Lutzenberger...

Flávio Lewgoy: José Lutzenberger era um indivíduo ímpar. Só ele podia ter feito o que fez. Reconheço que ele tinha seu lado difícil, mas quem não tem? Eu conheci o Lutz por volta de 1972 quando o nome dele já tinha certa divulgação na imprensa. O interessante é que morávamos no mesmo bairro (Bom Fim, em Porto Alegre). Poderíamos ter nos conhecido antes, mas isso não aconteceu. Fazíamos parte da comunidade judaica, a qual ainda íntegro, embora não seja um religioso. Muito do que ele era, desenvolveu andando por aqueles brejos da Redenção. Ele se formou em Agronomia na Ufrgs e foi para a Alemanha ser funcionário da Basf, uma das maiores multinacionais de produtos químicos e agrotóxicos. Essa é uma história muito conhecida.

Segundo ele, ganhava cerca de US\$ 10 mil por mês na época. E ele renunciou a tudo isso porque viu que estava contribuindo para devastar a natureza e envenenar pessoas. Era um super-vendedor de agrotóxicos. Naquela época, já tinha sido publicado um documento do Clube de Roma sobre "Os limites do crescimento". O conteúdo desse documento é muito atual, praticamente descreve o que está acontecendo agora. Esse crescimento tem que ter um limite porque o planeta não vai aguentar. Extrair, produzir e descartar: essa é a lógica do atual modelo - que não pode continuar do jeito que está. O Lutz já era um adepto dessas ideias e sabia que o Brasil, nesta área, estava na era das trevas, como, aliás, a maioria do mundo estava.

Ele veio da Alemanha com a ideia de fazer uma associação que discutisse essas questões. Encontrou aqui um grupo de pessoas - como o Augusto Carneiro, professores da Ufrgs, como meu falecido mestre Alarich Schultz, doutor em Botânica, entre outros -, que decidiram criar uma entidade que denominaram Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, uma coisa que era tida como folclórica na época, meio extra-terrestre...

Adverso: Na época não existia nenhuma entidade ou movimento do gênero?

Lewgoy: Nada. No mundo inteiro. Na América Latina, nem se fala. O que havia eram sociedades conservacionistas, que são bem diferentes. Não me lembro direito quem cunhou a expressão: "Verdismo, doença infantil do ambientalismo". Acho que fui eu. Não basta querer conservar as florestas. Há uma dimensão política indissociável da luta ambiental. Por isso a Agapan, desde sua origem, definiu-se como apatidária, mas não como apolítica. Mas esse período eu acompanhei pela imprensa, que divulgava muito o assunto. Era uma novidade absoluta.

Adverso: E como o senhor acabou se envolvendo nesta luta?

Lewgoy: A primeira campanha da Agapan foi contra uma coisa revoltante que acontecia aqui em Porto Alegre. Sempre que chegava a primavera, a Prefeitura mandava desbastar as árvores, deixava apenas uns esqueletos. Então a Agapan fez uma campanha contra isso. Na época eu era professor da Ufrgs. Como químico, eu estava interessado em um assunto em particular. Li um artigo sobre o carvão rio-grandense e fiquei horrorizado com a composição dos elementos-traço, que sobram depois da combustão: era uma enciclopédia de venenos, de metais pesados. Comecei a fazer campanha contra a utilização da queima do carvão. O assunto, aliás, permanece atual. Não desisti. É uma tecnologia do século XIX, nós estamos no século XXI. Comecei a me interessar pelo assunto. No início, não via como ia me encaixar na Agapan. Mas depois comecei a simpatizar com a ideia de luta ambiental.

Aí alguém me perguntou se eu queria dar uma entrevista ao canal 12. Eu era professor da Universidade Federal, e aquilo não pegava bem. Onde é que se viu um professor aparecendo assim? E eu me metendo em atividades com a Agapan? Seja como for, nunca me impressionei com isso. Nunca fui reprimido. A Ufrgs, sempre foi uma instituição

democrática, uma universidade pública, como todos os colégios em que estudei, como o Júlio de Castilhos. Eu sou a favor do ensino público, da universidade pública e a Ufrgs sempre foi "o máximo" na minha concepção.

Quanto à Agapan, no início eu não queria me meter em questões que não fossem as que eu entendia e que tratavam fundamentalmente de contaminação ambiental. Era isso que me interessava: problemas ecológicos referentes ao uso de produtos químicos. Ainda hoje, esse é o meu interesse principal. Acabei me envolvendo bastante com a questão dos agrotóxicos, até porque era difícil fugir desse assunto conversando com o Lutz. Era a praia dele. A Agapan, além da campanha (vitoriosa) contra a mutilação das árvores em Porto Alegre, começou a se envolver com outras lutas: contra as usinas nucleares, por exemplo, que era uma campanha de âmbito mundial. Na época fomos chamados de atrasados.

A Agapan participou de todas as grandes lutas ecológicas: a questão das hidroelétricas, do desmatamento, dos agrotóxicos. Em todas elas nós estávamos e permanecemos envolvidos. Felizmente, mais gente entrou na associação e novas entidades foram sendo criadas, todas elas descendentes diretas da mãe Agapan. Inclusive, houve um momento em que tínhamos uma entidade representante da Agapan em praticamente cada município do Estado. Isso acabou nos criando um problema, pois não podíamos fiscalizar o que estavam fazendo em nome da Associação. De repente, nos deparamos com entidades defendendo o uso de agrotóxicos para remover inço, essa vegetação rasteira que cresce nas calçadas... Eu conversei com o Lutz e sugeri acabar com isso, ao menos que essas entidades parassem de usar o nome da Associação. Ele acabou concordando e voltamos a ter apenas uma Agapan.

Adverso: Por outro lado, esse surgimento de novas entidades acabou criando um importante movimento ambientalista no Estado...

Lewgoy: Sim. O fato é que surgiram muitas entidades que vingaram. Nós nos associamos a outras, como a antiga Associação Democrática Feminina Gaúcha, comandada pela Magda Renner. A Agapan também tinha uma ala feminina muito atuante, com a Hilda Zimmermann, por exemplo. É difícil enumerar todas as pessoas que participaram deste momento. Tivemos lá nossos probleminhas internos, como toda entidade tem, mas o fato é que reunimos muitos ambientalistas. Houve gente que colaborou muito com a Associação, como o arquiteto Udo Mohr, para lembrar de outro nome. Ele reunia grupos de pessoas, sentado em um gramado, falando sobre o movimento. Na década de 70, a Agapan chegou a implementar um trem que percorria o Estado dando cursos de ambientalismo. Henrique Roessler é outro grande precursor deste movimento no Estado, ele deixou uma entidade que existe até hoje.

A Agapan foi a primeira a abraçar o conceito de ecopolítica. Éramos ambientalistas modernos que procurávamos intervir ativamente nas decisões políticas que diziam respeito ao meio ambiente. Nosso grande alvo eram as leis ambientais. Achávamos, ingenuamente, que se fizéssemos coisas como o Conselho Estadual do Meio Ambiente, com leis ambientais, isso iria resolver, em grande parte, o problema do desflorestamento, da contaminação da terra. Na verdade não é assim que as coisas funcionam. Não que as leis não sejam necessárias. Elas o são, mas não são suficientes. De que vale uma lei sem fiscalização? Isso é um problema ainda hoje. Mas nós procuramos avançar nesta área. Sem nós, não teria existido a primeira lei estadual dos agrotóxicos e, mais tarde, a lei nacional.

Adverso: O senhor participou ativamente da elaboração dessa legislação?

Lewgoy: Sim. Tivemos ajuda, é claro. Conseguimos que a Assembleia Legislativa nos desse um espaço. Mas houve muita resistência. Quando ela foi aprovada, houve protestos até junto ao (Palácio) Itamaraty por parte das grandes multinacionais. Imagine só um estado como o Rio Grande do Sul, em uma região como a América Latina, querer aprovar uma lei dessas?

Adverso: Isso foi dito assim?

Lewgoy: Não nestes termos, mas dava a entender. Muitos estados



Lewgoy, sobre a lembrança dos Farrapos: "Tradição não é só conservar a cultura, que é importante, mas é também preservar o solo, os animais e as plantas utilizados pelos guerreiros"

brasileiros acabaram nos imitando e fizeram leis estaduais dos agrotóxicos. Eu me orgulho de ter participado disso. Não havia um grande problema ambiental do qual não participássemos. Não com o sucesso que a gente queria, mas sempre lutando. E chegamos aos 40 anos de idade, o que acho uma maravilha. E eu continuo atuante. Só tivemos uma surpresa desagradável nesta data...

Adverso: A destruição da sede em Porto Alegre...

Flávio Lewgoy: Sim. Não tem explicação. A resposta que a Prefeitura deu foi uma desculpa esfarrapada. Foi uma grande mancada, na verdade. Tínhamos uma concessão por 20 anos. Tínhamos uma sede. Ainda não estava pronta, porque não temos muitos recursos. É bom lembrar que nós não aceitamos patrocínio de empresas. E já tivemos ofertas. A ex-Riocell tentou nos aliciar prometendo conseguir centenas de associados para nós, desde que fôssemos um pouco mais bonzinhos com eles. Não temos patrocínio de poderes públicos também. Aquela sede foi feita com contribuições espontâneas dos associados. Usamos tijolo ecológico, o projeto foi feito gratuitamente no escritório do Udo Mohr...Quando vimos, estava tudo no chão.

Adverso: O que a Prefeitura informou que irá fazer?

Lewgoy: Disseram que irão buscar apoio junto à iniciativa privada. Uma má notícia. Quando é que a iniciativa privada nos apoiou? Acho que a reconstrução vai ser mesmo na velha maneira: iremos apelar aos nossos associados, pedindo contribuições

espontâneas. O fato é que fazemos muito com o pouco que temos.

Adverso: Qual sua opinião sobre a experiência dos partidos verdes?

Lewgoy: Desde o início nós fomos contrários. Sabíamos no que iria dar isso. Não só aqui. Na própria Alemanha, berço dos partidos verdes, eles acabaram sendo cooptados, acabaram tendo que fazer alianças... Não se pode desprezar a atuação dos partidos, mas não se pode contar com eles para a luta ambiental.

Adverso: Que balanço é possível fazer de todas essas lutas?

Flávio Lewgoy: Como dizia o Lutz, as nossas vitórias são provisórias, mas as nossas derrotas são definitivas. Se você consegue salvar uma espécie da extinção, consegue uma vitória provisória, mas se uma espécie é extinta, essa é uma derrota definitiva. Um ecossistema devastado é uma derrota definitiva. O bioma Pampa, por exemplo. Mais da metade dele já foi embora, consumido por lavouras de soja, de milho, criação de gado. Já escrevi um artigo propondo que o movimento tradicionalista nos ajudasse nesta luta. Tradição não é só conservar a cultura, que é importantíssimo, mas também preservar o solo onde os farrapos lutaram, os animais que eles conheciam, as plantas que eles utilizavam. Se nada for feito, daqui a pouco o bioma Pampa será apenas uma recordação. Veja o que está acontecendo com o Código Florestal: estão comendo pelas beiradas. O pior é que sempre querem comer um pouco mais. ☹

Hospital de Clínicas é modelo na área de pesquisa com células-tronco

por Ana Esteves



Professora Elizabeth Cirne Lima (centro) é uma das coordenadoras da equipe do Laboratório de Embriologia e Diferenciação Celular do Centro de Pesquisa Experimental do HCPA

A dificuldade de recuperação de prolongadas e doloridas lesões de ombro e joelho fez com que alguns pacientes do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) entrassem para a lista dos inúmeros beneficiados pelo uso de uma das terapias mais excepcionais já desenvolvidas pela ciência: a utilização de células-tronco para a regeneração de tecidos do corpo humano. A prática do "milagre da multiplicação e diferenciação das células" é de responsabilidade de um grupo de pesquisadores vinculados ao Laboratório de Embriologia e Diferenciação Celular do Centro de Pesquisa Experimental do HCPA, empenhados em, através da pesquisa, buscar saídas pela melhorar a qualidade de vida dos seus pacientes, não só com lesões ortopédicas, mas também com quadros de cardiopatias isquêmicas, de diabetes e outras patologias. "Nosso trabalho se divide em várias frentes: estudar a diferenciação celular em sistemas produzidos in vitro, produzir células para terapia celular e desenvolver projetos para melhoria da qualidade de embriões, produzidos em laboratório para o Serviço de Reprodução Assistida do HCPA", explica a professora da Faculdade de Veterinária da Ufrgs, Elizabeth Cirne Lima, que, ao lado do

professor adjunto da Faculdade de Medicina da Universidade, Eduardo Passos, coordena o laboratório.

Para que a aplicação das novas tecnologias possa transcender o âmbito da pesquisa, os especialistas contam com sistema de cooperação com médicos em diversas especialidades, como no caso da ortopedia do Clínicas. "Temos essa parceria e através do doutor João Ellera Gomes, aplicamos células em situações de reparo de lesão articular", diz Elizabeth. A pesquisadora conta que já foram concluídos os estudos com pacientes com lesões de ombro e que os resultados foram extremamente positivos, pela redução a zero do número de pacientes que precisou se submeter à nova intervenção cirúrgica. "Cerca de 40% das pessoas que já haviam se submetido à cirurgia reparadora voltavam a ter rompimento de manguito-tendão do ombro - e precisavam fazer novo procedimento. Após o uso das células-tronco, nenhum dos pacientes tratados voltou a ter ruptura." O grupo do trabalho do joelho ainda está em fase de terapia e observação, e todos funcionando bem.

O método de coleta, processamento e reposição das células nos pacientes funciona de forma rápida, antecedendo

o momento de início do procedimento cirúrgico. O paciente recebe uma anestesia leve para que seja feita a punção da medula óssea. Esse material é encaminhado para o laboratório de hematologia do HCPA, onde as células são preparadas, centrifugadas e é feita a separação das células mononucleares. O processo leva em torno de duas horas. Depois, todo material estéril é devolvido para o médico, que só então dá início ao procedimento cirúrgico propriamente dito, para correção da lesão e posterior aplicação das células na área afetada, através de microinjeções.

Isso ocorre também nos casos de lesão de músculo cardíaco, quando as células são aplicadas no entorno da região que foi lesionada por isquemia, promovendo o que os especialistas chamam de cicatriz funcional. "Em uma lesão isquêmica, o músculo se regenera, mas fica com uma constituição diferente, com uma cicatriz por deposição de colágeno, tecido fibroso, que reduz a eficiência de bombeamento do coração", explica Elizabeth. Ela destaca que isso acontece em diferentes tecidos, como no caso do pâncreas, onde são injetadas células produtoras de insulina, no caso de animais diabéticos, por exemplo, e reverte-se a glicemia dos mesmos: "Não vamos fazer um pâncreas novo, mas dar condições de o animal produzir insulina de forma endógena, ou seja, por ele mesmo. Com isso, podemos fazer a glicemia voltar para níveis normais, evitando que seja desencadeada toda a síndrome relacionada com o diabetes."

É justamente com foco nessa linha de pesquisa que a bióloga Ana Helena da Rosa Paz, que também integra o Laboratório de Embriologia e Diferenciação Celular, desenvolveu sua tese de doutorado. Ela conseguiu comprovar a eficácia do uso de células-tronco em cobaias com diabetes, revertendo a glicemia das mesmas. "Transformamos a célula-tronco em produtora de insulina. Fizemos experimentos em animais e mostramos que um diabético com alta glicemia, quando tratado com nossas células, tinha redução da taxa de glicose no sangue", explica Ana. Esta técnica dá uma nova luz sobre o uso de células-tronco para o tratamento do diabetes, uma vez que utiliza um sistema de indução de diferenciação celular, inédito se comparado com aquele que já vem sendo usado em outros laboratórios no mundo. "Ainda estamos em fase experimental, realizando algumas etapas terapêuticas em animais, antes de propor um estudo de fase um em humanos", destaca a bióloga. O laboratório também está desenvolvendo dois trabalhos com modelos de colite – doença inflamatória intestinal – além de trabalhos na área de fibrose pulmonar, patologias de músculo esquelético, tendões e músculo cardíaco.

O fato curioso relacionado à terapia com células-tronco é que a mesma não se restringe a humanos: médicos veterinários também têm demandado a produção de células, especialmente para tratar lesões ósseas e de pele em animais de companhia. Como é o caso do cãozinho Pablo, atendido no hospital veterinário, que tem dificuldade de calcificação de uma fratura, e já foi submetido a diversas tentativas de terapia com células-tronco. "É cada vez mais comum veterinários nos pedirem para produzir células para seus pacientes", conta Elizabeth. Entre os animais, o trabalho tem como objetivo favorecer o incremento de técnicas cirúrgicas com associação de células-tronco de diferentes modelos para melhor reparo de tecidos. Na área da veterinária, também são desenvolvidas pesquisa sem reparo de nervos periféricos, alvéolos dentários e patologias cardíacas.

Elizabeth destaca ainda que esses trabalhos com terapia celular, desenvolvidos em humanos, ainda não estão sendo oferecidos rotineiramente dentro do Hospital, mas sim dentro de programas específicos, encaminhados pelos médicos de cada especialidade. Para aumentar a abrangência do uso dessas técnicas é preciso primeiro seguir alguns passos: fazer o experimento com três espécies diferentes, mostrar eficiência e segurança. Depois, seguir o trâmite burocrático, submetendo o trabalho para o Ministério da Saúde, que vai viabilizar a nova terapia e aí sim passar por um período de três fases experimentais em pacientes. "Se derem certo as três fases, aí se pode propor o procedimento como terapia alternativa. No caso dos pacientes ortopédicos, estamos na fase um, no início do processo."

Em função da polêmica em torno do uso de embriões para produção de

células-tronco, os pesquisadores optaram por substituí-las por células adultas. "Antes até se justificava o uso das embrionárias, pois as adultas eram difíceis de isolar, cultivar in vitro, e elas pareciam ter menor capacidade de se diferenciar do que hoje se sabe que elas têm", explica Elizabeth. No entanto, as células adultas cresceram em potencial, ao mesmo tempo em que houve uma evolução em técnicas de isolamento e de indução de diferenciação. Elas podem ser mantidas indiferenciadas, bem como se pode induzir a distinção para determinado tipo celular. "Fica mais confortável trabalhar com as adultas, pois não precisamos ficar lidando com questões éticas complicadas, uma vez que elas têm demonstrado potencial importante em terapia."

Além do trabalho com células tronco, o laboratório também se dedica à pesquisa na área de embriologia, com o objetivo de melhorar toda parte de produção de embriões in vitro, por conta do serviço de Reprodução Assistida do HCPA,



Elizabeth: "O trabalho na área de reprodução ocorre com embriões humanos, e de bovinos, equinos e ovinos"

único desta modalidade para pacientes do SUS no Rio Grande do Sul, voltado para casais que têm problemas reprodutivos. “As pesquisas são realizadas sempre no sentido de poder melhor atender pacientes para contornar determinadas patologias, produzindo embriões, com melhor qualidade, mais saudáveis e otimizar as condições de produção dos mesmos”, diz Elizabeth. O trabalho na área de reprodução, não se restringe apenas a embriões humanos, mas também é realizado com bovinos, equinos e ovinos, em função da alta demanda na área de produção e melhoramento animal. “Estudamos proteínas relacionadas com fertilidade, métodos de melhor congelabilidade de sêmen, sistemas de criopreservação, que é um problema para equinos e um pouco para ovinos”, explica a pesquisadora.

Elizabeth ressalta que assim como ocorre no caso das células, o Laboratório de Embriologia e Diferenciação Celular se restringe ao estudo e à pesquisa sobre embriões e que a produção dos mesmos é realizada por outra unidade, também localizada no Clínicas. “Fazemos embriões e células para pesquisa. O material a ser usado em pacientes é produzido em outros laboratórios especializados.” Na área de embriologia, são estudados problemas de reprodução, com pesquisas em patologias masculinas e femininas, na tentativa de reverter a infertilidade com o uso de terapia celular.

Uma década de pesquisas

O Centro de Pesquisa Experimental do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) completa 10 anos de funcionamento em 2011. A unidade que congrega 18 laboratórios, entre eles o de Embriologia e Diferenciação Celular do HCPA, tem como objetivo fomentar a realização de cada vez mais trabalhos de pesquisa na área da saúde. O chefe do serviço de Bioética do HCPA e assessor da coordenação do Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação do Clínicas, José Roberto



Alguns estudos buscam contornar patologias através de produção embrionária

Goldim, destaca a importância do espaço. “Desde que o Centro foi criado, tivemos um crescimento do número de pesquisas realizadas. Foi uma mudança avassaladora. Isso se chama qualificar a pesquisa - a fase romântica, amadora, não tem mais espaço.”

Goldim lembra que por muitos anos, predominou no Clínicas o foco na questão do ensino, com alguns poucos

trabalhos em pesquisa. “O primeiro passo foi dado em 1984, quando foi criada uma Comissão Científica no hospital, que teve a ideia de formar um fundo de incentivo à pesquisa, oriundo de recursos do próprio HCPA”, diz o especialista.



No Centro de Pesquisas do HCPA existem 15 laboratórios temáticos e três compartilhados para estudos de psiquiatria, embriologia, entre outros

Em 1988, foi criado o Comitê de Ética em Pesquisa e no ano seguinte foi criado um grupo específico de pesquisa e pós-graduação. “Ao longo dos anos 90, percebemos a necessidade de criar um local geográfico para os pesquisadores. Então começamos a pensar em construir dentro do hospital uma estrutura que abrigasse vários laboratórios”, conta o assessor. A partir de 1991, se configurou o Centro de Pesquisas do HCPA, vindo a se tornar, poucos anos depois, no que é hoje conhecido como Centro de Pesquisa Experimental.

“Criamos os laboratórios compartilhados de patologia, unidade molecular e de proteínas e de experimentação animal. A partir de então, foram estabelecidos os laboratórios temáticos de psiquiatria, embriologia, dentre outros, mais ou menos no formato de hoje”, conta Goldim. São 15 temáticos e mais três laboratórios compartilhados. E o espaço não parou mais de crescer: em breve, os pesquisadores irão contar com uma nova unidade, conhecida como Biobanco, para armazenagem de material biológico, cuja obra deve começar em agosto, com previsão de término até meados do ano que vem. ☺

Contratação emergencial de professores temporários gera polêmica

Medida Provisória aprovada pelo Senado autoriza a admissão imediata de docentes em instituições federais

por Ana Maria Bicca

Com 49 votos favoráveis e 12 contrários, após cerca de quatro horas de discussão, o Senado referendou a Medida Provisória (MP) 525/11 que autoriza a contratação temporária de professores em instituições federais de ensino e em projetos de educação técnica e tecnológica.

O texto aprovado em 14 de junho modifica a Lei 8.745/93 - que aborda as admissões para atender a necessidade provisória de excepcional interesse público - e prevê que os ingressos de professores temporários sejam feitos pelo período máximo de um ano, sendo admitida a prorrogação por mais um ano. Além disso, permite que estes docentes sejam contratados para ocupar as vagas de outros que se licenciaram ou se afastaram, e dos nomeados para cargos de direção, como reitor e vice-reitor. Antes da aprovação, era possível apenas a contratação de substitutos, e em caso de exoneração ou demissão, falecimento, aposentadoria, afastamento para capacitação e afastamento ou licença de concessão obrigatória. Outra mudança que consta no texto é o aumento do número total de professores substitutos contratados. A MP amplia o limite máximo de 10% para 20%.

Com a aprovação do documento, a admissão imediata é feita sem a realização de um concurso, apenas por processos de seleção, sendo as vagas correspondentes às admissões compactuadas no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).

Instituído pelo Decreto nº 6.096, em 24 de abril de 2007, o Reuni foi criado pelo governo federal com o objetivo de ampliar o acesso e a permanência na educação superior, sendo, assim, uma das ações que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Para o governo, a MP vem com a finalidade de suprir a demanda total de docentes verificada na implementação do projeto.


De acordo com o pró-reitor de Ensino do IF-RS, Sérgio Wortmann, a MP vem para suprir uma necessidade. "Há um problema: alguém tem que dar aula", afirma o professor. Quando o IF-RS foi criado, muitos docentes foram deslocados de suas funções para ocuparem cargos na reitoria, cuja sede está localizada na cidade de Bento Gonçalves. Com isso, diminuiu o número de professores nos campus que integram a instituição. No momento, o IF-RS

está em processo de aplicação do decreto. Para Wortmann, o documento aprovado permite que o professor temporário ocupe o cargo apenas no período necessário, sem que este permaneça durante os 35 anos de carreira. A decisão seria, então, uma medida emergencial. "Não há como substituir um problema provisório com um professor permanente", completa.

A pró-reitora de Graduação da Ufrgs, Valquíria Bassani, no entanto, considera a medida positiva, mas não como uma solução ao real problema: a demora na instituição dos 10 mil cargos pelo Ministério do Planejamento. Ela ressalta que a MP não será permanente: "os temporários são uma mobilidade que só foi criada porque ocorreu a expansão das universidades e porque os cargos não foram instituídos com a devida antecedência pelo Congresso", explica.

Valquíria destaca também a diferença entre o professor substituto e o temporário. Segundo a docente, o primeiro sempre irá existir, porque os eventos que ele substitui ocorrem sempre, como licença à saúde, licença à gestante, falecimento, entre outros. Já o segundo, refere-se a uma questão emergencial, para suprir a falta de professores verificados no Reuni. "Os temporários não possuem nem código de vaga", destaca. Além disso, eles não podem envolver-se em outras atividades da instituição. "A eles cabe somente ministrar aulas."

Com relação aos que se manifestaram contrários à MP e alegaram que a medida poderia ser uma forma de burlar o processo dos concursos públicos, Valquíria enfoca que a questão pode ser decorrente desta demora na criação das vagas necessárias. "Acho que o Ministério do Planejamento está demorando a enviar este projeto ao Congresso e acho que esta é talvez a razão da manifestação dos parlamentares. A pasta do Planejamento já vem trabalhando neste projeto de lei há algum tempo e eu vejo que, na prática, antes de 2012, muito dificilmente teremos a autorização para estes concursos", diz a pró-reitora.

A reitoria da UFCSPA preferiu não se posicionar a respeito, pois, segundo a reitora, Miriam da Costa Oliveira, a instituição não tem permissão para a contratação emergencial de docentes por não possuir vagas prometidas pelo Reuni nos anos de 2011 e 2012. 

Em busca do diálogo, sem fugir à responsabilidade de decidir

por **Maria L. A. von Holleben**, presidente da Adufrgs-Sindical

Foi com grande orgulho que recebi a incumbência de conduzir uma das maiores e mais importantes entidades sindicais de professores do Ensino Superior Público do País. Ao sermos empossados, eu e os demais membros da diretoria, fomos fortalecidos por uma expressiva votação, que manifestou a aprovação à nossa proposta de ampliar e avançar as conquistas e ações realizadas pelas últimas gestões, das quais tive a honra de participar, e sobretudo, a conciliação dos filiados por um sindicalismo proativo, propositivo e democrático, voltado aos interesses dos docentes das Ifes, independente de governos e de influências político-partidárias.

Pertenço a uma geração que um dia teve o sonho de viver em um Brasil democrático, livre e justo. Uma geração que viveu em um regime totalitário, repressor e sem liberdade. E foi neste ambiente, tão adverso, que, em 1978, 25 professores com coragem e determinação, fundaram a Adufrgs: Associação dos Docentes (AD) da Ufrgs. A estes colegas, nossos precursores na política docente, e ao professor José Fachel, o primeiro presidente da entidade, quando ainda era uma AD, manifesto todo meu respeito. Mas o Brasil mudou, e também mudaram o regime político, a universidade e a forma de fazer política docente.

Hoje, o sonho que um dia tivemos tornou-se realidade. Vivemos em um País livre e com igualdade de direitos sociais. As instituições públicas de Ensino Superior espalharam-se pelo território nacional, aumentaram os servidores, docentes e alunos e a qualidade do ensino e da pesquisa melhorou.

A sindicalização tornou-se não apenas um direito constitucional mas uma exigência para a representação dos servidores públicos na defesa de direitos e interesses, como representante legal em negociações com o governo e nas demais instâncias que se fizerem necessárias. E esta nova realidade fez com que, em 2008, três décadas após sua fundação, a Adufrgs - por decisão de 500 professores da Ufrgs - fosse transformada em Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior de Porto Alegre (Adufrgs-Sindical). A estes colegas, que tiveram a coragem de reavaliar a postura política, realizando as necessárias mudanças, e ao professor Eduardo Rolim de Oliveira, que liderou esta transformação e foi o primeiro presidente da atual entidade, também registro o meu respeito.

Hoje, com a representatividade legitimada pelo número crescente de filiados e legalizada pelo registro concedido pelo Ministério do Trabalho e Emprego, a Adufrgs é um sindicato de fato e de direito. Assumimos a direção deste Sindicato com a responsabilidade de cumprir o programa aprovado no pleito recentemente realizado, e no qual destaco os quatro pilares de nossa atuação:

1. Dar continuidade a uma política sindical autônoma, propositiva, participativa - a uma política social e cultural associativa e agregadora, de comunicação ágil e transparente, e de expansão do número de filiados e de seu espaço físico.
2. Criar uma federação nacional de sindicatos autônomos, pela transformação do Proifes-Fórum em Proifes-Federação;
3. Defender um processo democrático para ocupação de cargos de gestão, e o acompanhamento na administração das universidades e institutos - destacando o direito ao voto de professores aposentados nas consultas comunitárias feitas por estas instituições e a conquista de espaço para os sindicatos nos conselhos superiores das Ifes.
4. Atender aos professores recentemente contratados, ressaltando a importância de sua função na sociedade e da necessidade de uma representatividade sindical na defesa de seus direitos trabalhistas, profundamente alterados pela Reforma da Previdência de 2004.

Tenho consciência, do muito que tem que ser feito em apenas dois anos de gestão. Ciente dos obstáculos e das dificuldades que encontrarei pelo caminho, faço uma única promessa: dedicarei meu tempo, minha atenção e minha energia exclusivamente para um desempenho digno e produtivo no cargo para o qual fui eleita, buscando sempre o caminho do diálogo e do convencimento, sem fugir à responsabilidade de decidir.

Agradeço aos companheiros da diretoria, pela disposição em compartilhar comigo a condução da Adufrgs-Sindical e ressalto que iremos exercer uma gestão colegiada. Também agradeço aos professores eleitos para o Conselho de Representantes, pela disposição em colaborar com a nossa administração, aos colegas que guiaram meus primeiros passos na política docente e permanecem ao meu lado como amigos e fiéis conselheiros, e a todos os professores que através do voto manifestaram a sua confiança em nossa proposta.

Sebrae/RS capacita alunos na XII Maratona de Empreendedorismo da Ufrgs

Para estimular a educação empreendedora, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) realiza a XII Maratona de Empreendedorismo, de 2 de agosto a 12 de dezembro. A ação, promovida pela Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico da Universidade (Sedetec), visa oferecer uma formação inovadora, por meio de uma prática pedagógica voltada para o empreendedorismo, criatividade e inovação, permitindo um melhor resultado na interação da Universidade com a sociedade.

A proposta é capacitar o aluno para desenvolver um plano de negócios e alcançar a excelência na implementação do seu projeto, através de um curso de extensão - desenvolvido em duas etapas - que contempla atividades presenciais e à distância. As inscrições encerraram em junho, e agora o programa passa pela fase de seleção dos candidatos. "Quanto mais madura a ideia, mais fácil é fazer um plano de negócios e mais fácil é obter sucesso depois", ressalta a coordenadora de assuntos educacionais do Sedetec, Rosalina Duarte Medeiros.

O Sebrae/RS participa da segunda etapa do projeto, a partir de 13 outubro, na qual os estudantes inscritos recebem 346 horas de consultoria com profissionais da entidade sobre a elaboração de planos de negócios. Segundo Ana Paula Rezende, gestora de atendimento do Sebrae Metropolitana, o Sebrae/RS - que é parceiro da Maratona desde a primeira edição, há 12 anos - também irá realizar palestras aos alunos com foco em inovação.

A novidade para este ano é a parceria firmada com o Centro Universitário Metodista IPA, que irá contatar os alunos que passaram pela Maratona desde 2005, com o objetivo de obter um levantamento, até o final do ano, sobre a situação atual destas pessoas e das empresas abertas por elas.

Os representantes dos dez melhores planos de negócios apresentarão em dezembro suas propostas para uma banca avaliadora. Por fim, os quatro que tiverem maior destaque serão premiados. O Sebrae/RS concederá bolsas do Seminário Empretec para os 1º e 2º lugares e, para os 3º e 4º lugares, dois cursos básicos de 15h, com foco em gestão de negócios.

Entre os requisitos exigidos aos candidatos à Maratona, o principal é ter uma ideia de negócio inovador e conhecimento sobre o produto/serviço a ser oferecido. Os critérios de seleção envolvem plano sucinto da ideia de negócio, entrevista e análise de currículo. Participam estudantes, profissionais e empresários, com Ensino Médio concluído. Apenas os selecionados para as 90 vagas disponíveis deverão pagar a taxa do curso, que é de R\$ 130,00.

Fonte: Assessoria de Comunicação do Sebrae/RS



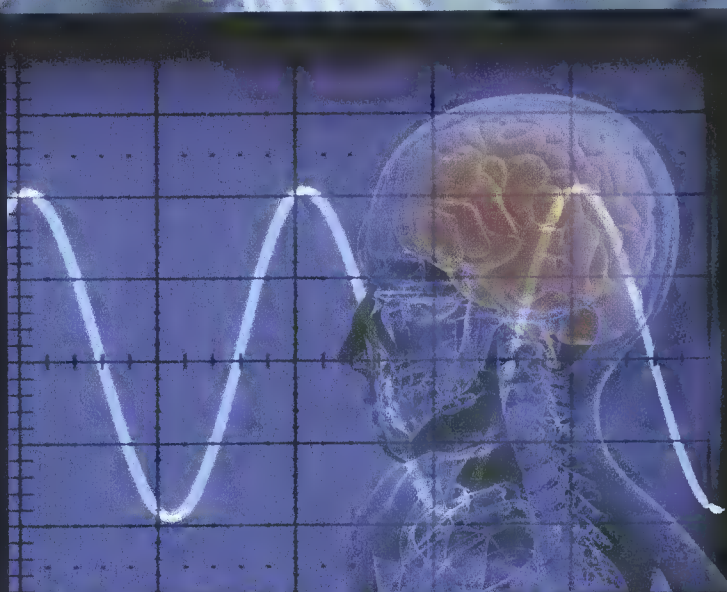
ERRATA

Ao contrário do que foi publicado na página 04 da edição 189 da Revista Adverso, o nome correto do curso citado no quarto parágrafo do texto é Licenciatura em Música/EAD. O mesmo está inserido no Prolicen do MEC e tem como objetivo a qualificação de professores em atividade, ainda sem formação adequada.

Orelha de brinquedo reage a onda cerebral

Inventores japoneses criaram um brinquedo em formato de orelhas que se mexe em função da atividade do cérebro de quem o usa. A peça, denominada Necomimi, usa sensores para medir as ondas cerebrais. O brinquedo, que imita orelhas de gato, muda de posição de acordo com o que é captado. As orelhas levantam quando a atividade cerebral aumenta, e descem quando a mente do usuário está mais relaxada. Os sensores foram desenvolvidos em parceria com uma empresa americana. O fabricante espera começar a vender o produto até o final do ano.

Fonte: BBC Brasil



Sondas lançadas em 1977 tentam sair do Sistema Solar

As sondas Voyager, da agência espacial americana Nasa, estão atravessando um 'mar magnético' para tentar sair do Sistema Solar. As duas naves foram lançadas em 1977 e são responsáveis por colher alguns dos dados mais extraordinários da história da Nasa. No momento, elas estão a mais de 14 bilhões de quilômetros da Terra e se aproximam do limite do Sistema Solar.

As naves continuam a enviar dados para o centro de controle da Nasa, no Texas. Cada mensagem demora 16 horas para atravessar a distância no espaço. Vários fragmentos de campos magnéticos passam como uma espécie de "vento" pelas sondas. Este processo está formando bolhas de magnetismo com dezenas de milhares de quilômetros de largura.

A observação é de interesse não apenas dos astrônomos, mas também dos astronautas - que precisam se precaver contra os efeitos dos raios cósmicos na sua saúde - e dos engenheiros - preocupados em construir naves e componentes resistentes às partículas de alta energia.

A missão inicial das sondas - de pesquisar os planetas Júpiter, Saturno, Urano e Netuno - foi concluída em 1989, quando as naves foram então direcionadas rumo ao centro da Via Láctea. Agora, o desafio é explorar os limites do Sistema Solar, já que os cientistas não têm certeza sobre o limite final do Sistema, onde começaria uma zona de espaço inter-estelar.

Fonte: BBC Brasil

Tabela periódica ganha mais dois elementos

Um comitê internacional de químicos e físicos incluiu dois novos elementos na tabela periódica: os números 114 e 116. Os novos elementos, que não têm nome oficial, existiram por menos de um segundo antes de desaparecer, mas foram incorporados na tabela. Segundo Paul Karol, da Universidade Carnegie Mellon, os elementos reconhecidos somam 114, porque os identificados como 113 e 115 não foram aceitos oficialmente. Karol presidiu o comitê que reconheceu os novos elementos com base em experimentos realizados em 2004 e 2006 com a colaboração de cientistas da Rússia e do Laboratório Nacional Lawrence Livermore, na Califórnia. De acordo com Karol, nos últimos 250 anos foram adicionados novos itens, em média, a cada dois anos e meio. Os cientistas envolvidos foram convidados a sugerir nomes para os novos elementos. Os números se referem à quantidade de prótons no núcleo. "Eles foram obtidos pela combinação de dois elementos mais leves na esperança de se manterem estáveis", afirma Karol.

Fonte: Associated Press

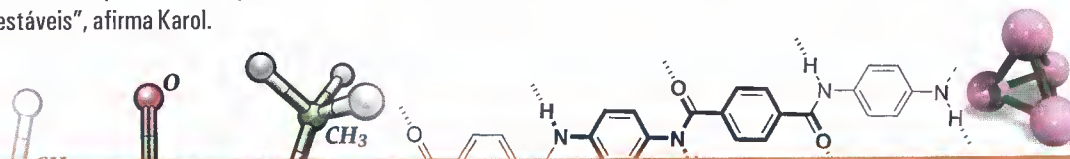
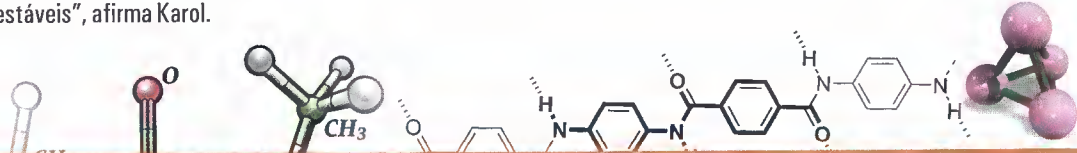


Tabela periódica ganha mais dois elementos

Um comitê internacional de químicos e físicos incluiu dois novos elementos na tabela periódica: os números 114 e 116. Os novos elementos, que não têm nome oficial, existiram por menos de um segundo antes de desaparecer, mas foram incorporados na tabela. Segundo Paul Karol, da Universidade Carnegie Mellon, os elementos reconhecidos somam 114, porque os identificados como 113 e 115 não foram aceitos oficialmente. Karol presidiu o comitê que reconheceu os novos elementos com base em experimentos realizados em 2004 e 2006 com a colaboração de cientistas da Rússia e do Laboratório Nacional Lawrence Livermore, na Califórnia. De acordo com Karol, nos últimos 250 anos foram adicionados novos itens, em média, a cada dois anos e meio. Os cientistas envolvidos foram convidados a sugerir nomes para os novos elementos. Os números se referem à quantidade de prótons no núcleo. "Eles foram obtidos pela combinação de dois elementos mais leves na esperança de se manterem estáveis", afirma Karol.

Fonte: Associated Press

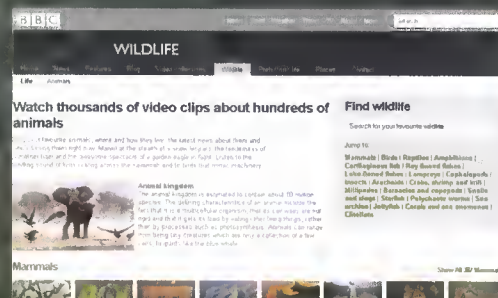


Fr	Ra		Lr	Rf	Db	Sg	Bh	Hs	Mt	Ds	Rg	Uub	Uut	Uuq	Uup	Uuh
87	88	89	103	104	105	106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116

Informações sobre animais e seus habitats

<http://www.bbc.co.uk/nature/animals>

O site traz informações atualizadas sobre centenas de animais, além de fotos e vídeos. Eles estão divididos por suas classes: mamíferos, aves, répteis, anfíbios, insetos, além dos mais diversos tipos de peixes, como cartilaginosos e peixes com raios nas barbatanas, entre outros. Para acessar os dados, basta clicar na foto do animal desejado. O portal ainda traz informações como distribuição, habitat e os sons que os animais emitem.



Utilidade Pública e proteção animal

<http://www.suipa.org.br>

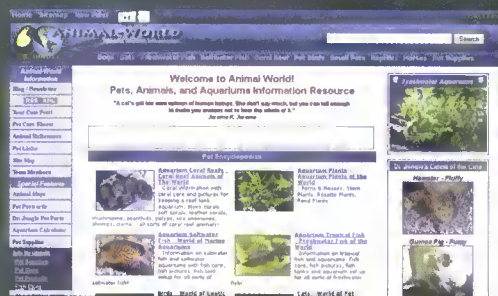
A Sociedade União Internacional Protetora dos Animais (Suipa) é uma entidade particular, não eutanásica, sem fins lucrativos, e de utilidade pública. Na década de 50, quando os novos diretores cadastraram o órgão como atualmente é conhecido, muitos intelectuais, como Carlos Drummond de Andrade, Roberto Marinho e Rachel de Queiroz, tornaram-se associados. O site oferece informações sobre a entidade, possibilita a adoção de animais (há uma galeria com bichos que estão na sede para serem adotados), disponibiliza legislação, orienta como ajudar animais em risco e abandono, traz informativos e notícias.

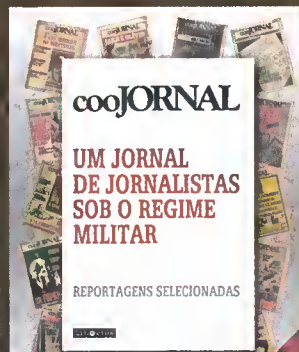


Localização de bichos no Planisfério

<http://animal-world.com>

Como vários outros sites do gênero, o portal Animal World traz informações variadas sobre o reino animal. A diferença, no entanto, está em uma aba localizada à esquerda que leva o usuário ao link Animal Maps. Nesta seção, é possível localizar, no mapa-múndi, um determinado bicho por seu nome comum, gênero, espécie ou subespécie. Basta digitar a opção no campo de escolhas. Além de situar, o site também traz outras informações sobre a espécie ou o gênero desejado.





Coojornal – um jornal de jornalistas sob o regime militar

Organizadores: Rafael Guimaraens, Ayrton Centeno e Elmar Bones
Editora: Libretos

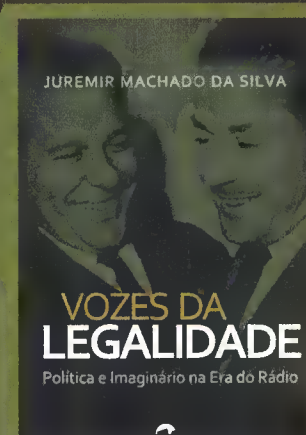
272 Páginas
Preço: R\$ 40,00

Este livro, que traz documentário encartado, reúne 33 reportagens e entrevistas realizadas pelo Coojornal (1975-1982), editado pela Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre. As reportagens da publicação refletem o Brasil da segunda metade dos anos 70 e a luta pela redemocratização do País, tratando de temas como anistia, a revolução da Nicarágua, as ditaduras militares do Uruguai, da Argentina e da Bolívia, as greves do ABC paulista, a guerrilha do Araguaia, a prática da degola nas revoluções gaúchas, documentos secretos do Exército sobre o combate à guerrilha, entre outros. A obra apresenta ainda perfis de personagens da época, como Golbery do Couto e Silva, José Lutzenberger, Teixeira e Dom Vicente Scherer. Também estão inclusas entrevistas com Chico Buarque, Elis Regina, Henfil e Caetano Veloso.

Vozes da Legalidade – Política e Imaginário na era do Rádio

Autor: Juremir Machado da Silva
Editora: Sulina

Este livro é uma história de muitas vozes: da Legalidade e da ilegalidade, de Brizola - em tom maior -, de Jango - buscando uma solução pacífica -, de Carlos Lacerda - governador da Guanabara -, do Corvo - o eterno golpista incendiando o ânimo dos militares contra João Goulart -, do general Machado Lopes - comandante do III Exército, sediado em Porto Alegre -, do ministro da Guerra, Odylio Denys. Mas também traz a voz do renunciante, o esquisito Jânio Quadros, as vozes dos remanescentes, jornalistas, radialistas e políticos, todos muito jovens na época, que lembram a grande aventura com a justa nostalgia e o devido orgulho, a voz das ruas, a voz do Rio Grande, a voz do rádio, especialmente da Rádio Guaíba. O livro é uma história de nomes de homens, de coadjuvantes e protagonistas, quatro civis e dois militares, uma história de vozes tonitruantes, vozes da era do rádio.



223 Páginas
Preço: R\$ 29,00



Um Escritor na Guerra

Autor: Vasily Grossman
Editora: Objetiva

496 Páginas
Preço: R\$ 62,90

Baseado nos cadernos em que o autor escreveu as matérias-primas para suas reportagens de jornal, Um Escritor na Guerra retrata de maneira inédita a situação devastadora na frente oriental durante a Segunda Guerra Mundial. Rejeitado para o serviço militar quando teve início a invasão alemã em 1941, Grossman tornou-se enviado especial do Estrela Vermelha, jornal do Exército Vermelho. Romancista, sem experiência militar, ganhou um uniforme e algumas aulas rápidas de tiro. Passou três dos quatro anos seguintes na frente de batalha, observando a luta mais impiedosa de que já se teve notícia. Testemunhou as derrotas e as retiradas de 1941, a defesa de Moscou e os combates na Ucrânia. Em agosto de 1942, foi enviado a Stalingrado, onde permaneceu durante quatro meses de combates de rua. Presenciou a Batalha de Kursk e chegou a Berdichev, onde os temores com relação à sua mãe e a parentes se confirmaram. Judeu, assumiu a tarefa de fazer um registro fiel dos fatos e de suas extensões.

Feira de Oportunidades aproxima universitários do mercado de trabalho

Evento contempla estudantes e empresas da área de engenharia

por Ana Maria Bicca

Fotos: Suzana Fries



As atividades voltadas ao empreendedorismo ocorreram na Ufrgs, envolvendo exposição de produtos, 98 palestras e 54 oficinas

Prospecar a carreira desde cedo e aproximar o contato entre os alunos e as empresas. Este foi o principal objetivo da 1ª Feira de Oportunidades Ufrgs, ocorrida na Escola de Engenharia, no mês de junho. O evento reuniu 12 empresas dos ramos de Petróleo, Petroquímica, Engenharia Aeroespacial, Energia, Telecomunicações, Eletrônica, Informática e Automação - dentre elas três patrocinadoras e nove expositoras - e recebeu cerca de 800 visitantes.

A Feira foi um evento de mão dupla, pois além de fazer com que os estudantes se aproximassem do mercado de trabalho, conhecendo melhor as companhias, oportunidades, programas de estágios e trainee, serviu também para as empresas divulgarem suas marcas e conhecerem os futuros profissionais. No total, foram recolhidos cerca de 250 contatos de alunos com potencial. Além dos expositores, o evento também contou com oficinas e palestras com enfoque no empreendedorismo.

A ideia do evento surgiu de um grupo de cinco alunos - Dalciana Bressan Waller, Felipe Camaratta, Jeffrei Soares Moreira, Tainá Tebaldi Lajara e Kevin Cuchinski Campos - que participaram do programa de Duplo Diploma, realizado entre a Ufrgs e as Écoles Centrales francesas.

Durante o período do intercâmbio, os universitários conheceram este tipo de evento e decidiram implementá-lo na capital gaúcha. Na França, as feiras de recrutamento e oportunidades, como são chamadas, ocorrem anualmente, auxiliando os estudantes de semestres mais adiantados a buscarem empregos e estágios, além de servirem como um "guia de carreiras" aos que recém ingressaram na universidade.

No Brasil, as feiras já ocorrem em instituições como USP, Unicamp, ITA, IME, UFMG, UFRJ, entre outras, e têm obtido bons resultados. "Foi uma espécie de indignação nossa, porque outras universidades do País já estavam fazendo este tipo de evento, neste mesmo modelo", explica o estudante de Engenharia Metalúrgica, Kevin Cuchinski Campos. Assim, inspirados no que viram e participaram, no exterior e no Brasil, eles foram em busca de apoio institucional. O auxílio veio através do professor coordenador da Comgrad Civil e presidente do Conselho dos Cursos de Coordenação, Alexandre Rodrigues Pacheco, que acolheu e, desde o início, incentivou o grupo. Junto ao professor, os universitários transformaram o projeto em atividade de extensão curricular. Com orgulho, o educador



Cinco alunos da Engenharia organizaram a Feira, com o apoio do professor Alexandre Pacheco (na extremidade, à direita)

diz que muita gente viaja para fora e faz intercâmbio, mas “uma coisa é ver, e outra é fazer”. “Este grupo de alunos tiveram iniciativa e coragem de fazer”, afirma.

Estudante de Engenharia Química, Tainá Tebaldi Lajara ressalta que há diferença entre o contato que as empresas fazem durante um processo de seleção - quando apresentam uma vaga e falam das atividades - e o simples fato de se informar a respeito do dia-a-dia da instituição. Para ela, a Feira é “uma oportunidade de entrevistar os futuros entrevistadores”.

“A gente sempre ouve falar da qualidade do aluno da Ufrgs, e eu pude experimentar isso de uma outra forma, não apenas em sala de aula”, avalia Pacheco. O professor salienta que o mercado de engenharia está muito aquecido e que, no entanto, as companhias estão atrás de “gente qualificada”. A iniciativa seria, então, uma forma de sistematizar a relação entre o mercado e os alunos. “As empresas sempre quiseram se aproximar da Ufrgs, do setor acadêmico. Elas precisam desta troca. A gente precisa deste contato e elas também”, ressalta. Ao longo do ano, as companhias costumam propor palestras e entrevistas com os estudantes. “Acho que estamos sistematizando melhor este processo”, explica.

Oportunidade de empreender

Desafio é palavra que define a primeira edição da Feira de Oportunidades Ufrgs. Para os universitários, organizar um evento como este não foi fácil, mas representou uma grande oportunidade de empreendedorismo.

As expectativas eram muitas. Todavia, o grupo estava consciente das tarefas de uma edição de estreia: “Por ser o primeiro ano, sabíamos da necessidade de se criar uma identidade para o evento e de torná-lo conhecido perante os alunos, professores e as empresas”, explica o estudante de Engenharia Mecânica Felipe Camaratta.

Para a realização da Feira, foi necessário cerca de um ano de discussão, planejamento e elaboração, mas o receio em relação aos que não conheciam o modelo foi superado pelo sucesso do evento. Tanto expositores quanto universitários ficaram satisfeitos.

Entre os andares do prédio da Engenharia, as empresas se dividiram em pequenos stands. Além das nove instituições atuantes no mercado de trabalho, também participaram da exposição três empresas juniores

da Ufrgs, Sedetec, Sebrae e Aiesec. Para a assistente de Recursos Humanos da TDK, Vanessa Ceconello De Bettio, a Feira deve ter continuidade para que os universitários conheçam e tenham um vínculo maior com as companhias, pois é um meio de “estreitar os contatos”. A trainee da Brasken, Camilla Morandi, afirma que a procura dos estudantes foi positiva: “Os alunos gostaram bastante e houve gente bem interessada.”

Além da possibilidade de enviar o currículo no momento da inscrição, muitos estudantes levaram o documento impresso e entregaram às empresas. No stand da Ambev, por exemplo, os universitários eram convidados a deixar os contatos nos terminais disponíveis, para que possam ser informados dos futuros programas de seleção. Esta é uma prática comum em eventos do gênero. No exterior, os alunos vão às feiras de recrutamento prontos para garantirem um emprego, o que exige, não apenas o currículo, mas também vestimenta e postura adequada.

Ao chegar no local, a estudante de Engenharia Química, Priscila Winck, já tinha metas para o dia: “conhecer algumas empresas e, quem sabe, conseguir um trabalho”. De acordo com a universitária, o evento é uma grande oportunidade para se informar sobre as empresas e os processos seletivos, podendo se preparar melhor para o mercado de trabalho.

Por ser aberta ao público, a iniciativa teve a participação de alunos de outras universidades e, também, de outras cidades. Vinícius Wysefaria, Gabriel Ramos e Vitor Zizemer vieram de Rio Grande para participar da Feira. “Achei o evento muito legal, por ter muitas oportunidades em um único local”, conta Zizemer, que cursa o último ano de Engenharia Química. Já formado, Wysefaria afirma ser uma aproximação interessante, pois, muitas vezes, o contato com as empresas não é uma tarefa fácil. Ramos, também estudante de Engenharia Química, destaca a importância das oficinas, “por valorizar os pontos positivos e negativos de cada um”.

Programação contou com palestras e oficinas

Além dos stands institucionais, a coordenação da Feira de Oportunidades organizou quatro palestras e três oficinas, que foram ministradas pelo Núcleo de Apoio ao Estudante da Ufrgs (NAE/Ufrgs) e enfocaram a preparação dos universitários para as diferentes etapas de seleção das companhias. As palestras apresentaram algumas instituições e ressaltaram o empreendedorismo.

Também nessas atividades, os resultados foram positivos. Ao sair da palestra da AEL Sistemas - empresa especializada em desenvolvimento, fabricação, manutenção e suporte logístico de produtos eletrônicos, militares e civis - o técnico em eletrônica e estudante do quarto semestre de Engenharia da Computação, Fábio Zummach, salienta que a experiência da palestra foi “fantástica”, pois pode ter uma ideia do que a empresa faz, dos detalhes e pré-requisitos para admissão. E foi tão bom que, ao final, Zummach foi conversar com os palestrantes. “Fiz um primeiro contato para começar a focar e, no futuro, conseguir atender aos pré-requisitos de seleção.”

+ 1 Filme

À Procura da Felicidade é um filme que traz muitas lições de empreendedorismo. Em especial, a ideia de que pequenas oportunidades podem vir a ser grandes chances na carreira profissional. A narrativa gira em torno de um pai de família - interpretado por Will Smith - que passa por sérios problemas financeiros. No entanto, ele consegue uma vaga de estágio em uma corretora de ações, onde tem como objetivo ser efetivado. Além da esperança e dos sonhos, o personagem vai atrás e não desiste, ele vence as dificuldades e torna-se um banqueiro aos 30 anos. Com o longametrage, Smith foi indicado ao Oscar e ao globo de Ouro na categoria de melhor ator.

+ 1 Livro

Para quem quer saber mais sobre iniciativas arrojadas, uma boa dica é o livro O Empreendedor - Empreender Como Opção de Carreira. A obra, editada pela primeira vez há mais de 20 anos, é uma referência nos cursos de empreendedorismo no Brasil. A edição mais recente (2009) traz, de modo didático e objetivo, os aspectos que devem ser levados em conta para os que desejam se tornar bons empreendedores. Com autoria do engenheiro e empresário Ronald Degen, as 384 páginas estão divididas em quatro partes que vão desde a apresentação da atividade até o desenvolvimento dos negócios. Além disso, o autor aborda mitos e realidades do empreendedorismo e como ele pode ser abordado nas escolas técnicas e universidades.



